

A LITERATURA NEGRA DE ELIANA ALVES CRUZ EM *ÁGUA DE BARRELA*: uma perspectiva feminista negra e diáspórica

Livia Coelho Netto Affonso (UFPA)¹,
livia.coelho.netto.affonso@gmail.com

RESUMO

Este resumo expandido analisa o romance *Água de barrela* da escritora brasileira Eliana Alves Cruz. Inicialmente publicada em 2016 e reeditada pela editora Malê em 2018, esta obra retrata uma mesma família negra durante três séculos, com sua exploração da escravidão ao trabalho livre precário no século XX. Em uma revisão bibliográfica, para a articulação de diferentes reflexões sociológicas, além de estudos no campo literário, utilizam-se as teorias dos estudos culturais de Paul Gilroy e Stuart Hall, do feminismo negro e do pós-colonialismo. Além disso, o método tentou se aproximar do processo de redução estrutural de Antonio Cândido da área da Sociologia da Literatura, em que o aspecto social é considerado interno à estrutura literária. Inicialmente, buscou-se discorrer sobre a categoria de literatura negra escrita por mulheres e o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo. Com essa introdução, há um destaque para os elementos sociais e estéticos do romance *Água de barrela* que o caracterizam como parte da produção diáspórica do Atlântico negro, em que se cria a África novamente, gerando o retorno da diáspora a si mesma. Sobre o conteúdo deste livro, em diálogo com Patricia Hill Collins e Denise Ferreira Silva, também se observa a perspectiva feminista negra de Alves Cruz como expressão criativa de uma cultura de mulheres negras que questiona a narrativa colonial escravocrata. Em conclusão, como produção literária da diáspora africana, *Água de barrela*, com protagonistas negras e suas experiências como aspectos centrais do romance, subverte as ideologias da modernidade branca ocidental.

Palavras-chave: Eliana Alves Cruz. Literatura negra. Sociologia da Literatura. Diáspora. Feminismo negro.

1 INTRODUÇÃO

Dentro dos estudos literários, discute-se a importante existência de uma literatura negra ou afro-brasileira que subverte o sistema literário brasileiro e o branco cânone de autores (MIRANDA, 2019). Originado de uma busca diáspórica pelo resgate da ancestralidade africana, Eduardo de Assis Duarte (2014) categoriza tal conceito pela interação de cinco grandes fatores que atuam como constantes discursivas: autoria, ponto de vista, temática, linguagem e público. Nesse contexto, é importante destacar autoria e ponto de vista devido à relevância da perspectiva única gerada por escritores negros que contestam a história brasileira, junto com seus silenciamentos e apagamentos (EVARISTO, 2009).

¹ Mestranda em Sociologia (UFPA). Graduada em Ciências Sociais (UFPA) e Letras - Língua Portuguesa (UNAMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0490922231944122>.

Em relação a essa subjetividade que constrói a escrita, há também um ponto de vista feminino negro associado especificamente a uma literatura negra escrita por mulheres (EVARISTO, 2009). Dentro dessa discussão, o conceito escrevivência da escritora Conceição Evaristo (2020) é relevante (DUARTE, 2014), em que se caracteriza o ato de escrita de mulheres negras como um fenômeno diaspórico e universal oposto à figura da mãe preta escravizada com suas histórias controladas por um passado escravocrata. Assim, considerada por Evaristo (2020) como uma representante de novas expressões de escrita dessa categoria, cita-se Eliana Alves Cruz, escritora e jornalista brasileira, com o romance *Água de barrela* (2018) como sua principal obra publicada entre suas diversas produções literárias.

2 METODOLOGIA

O método utilizado para discorrer sobre *Água de barrela* (CRUZ, 2018) consiste em uma revisão bibliográfica que promove o diálogo entre o romance e correntes teóricas sociológicas como o feminismo negro, o pós-colonialismo e os estudos culturais de Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2003). Além disso, aspira-se no uso do processo de redução estrutural, criado por Antonio Cândido (1993) na área da Sociologia da Literatura, em que os elementos sociais são identificados como componentes que fazem parte da estrutura literária. Dessa forma, é possível analisar produções literárias de forma autônoma e, assim, ligar tais investigações com diferentes reflexões sociológicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, o romance *Água de barrela* (CRUZ, 2018) retrata gerações de uma mesma família durante três séculos, em que as vidas das personagens negras, desde seu sequestro no oeste africano e escravização, são entrelaçadas à exploração de seu trabalho pela família branca Tosta. Dividida em cinco partes, a obra narra as lutas diárias de Firmino, Helena, Isabel, Anolina, Martha, Adônis, Damiana, Celina e Nunu que decorrem através de diversos acontecimentos históricos. Nesse sentido, destaca-se o protagonismo feminino negro em que grande parte da escrita de Alves Cruz foca nas experiências das mulheres negras citadas e sua busca por sobrevivência por meio do trabalho doméstico.

Sobre o livro, este se constitui como representante de uma literatura negra afro-diaspórica que se situa além dos Estados-nações, caracterizada, em associação aos estudos culturais britânicos e a uma perspectiva pós-colonial, por uma “[...] estrutura rizomórfica e fractal da formação transcultural e internacional” (GILROY, 2001, p. 38) chamada de Atlântico negro. Nesse âmbito, há uma estética diaspórica (HALL, 2003) em *Água de barrela* (CRUZ, 2018), em que, através de uma releitura do continente africano, busca-se o retorno à África, gerando o retorno da diáspora a si mesma.

Como manifestado no Atlântico negro (GILROY, 2001), *Água de barrela* (2018) de Eliana Alves Cruz coincide com os aspectos dessa estrutura na inovação de uma poética em formas inéditas, como em literaturas autobiográficas. A origem dessa obra literária é uma narração de Cruz da história de sua própria família recriada através de uma pesquisa histórica e das fascinantes memórias de sua tia-avó Nunu, uma mulher diagnosticada com esquizofrenia paranoide que, como histórias negras em geral, nunca teve seus relatos levados a sério. Como fonte de sabedoria ancestral afro-diaspórica, Nunu, uma idosa com mais de 90 anos, “[...] não anda sem ajuda e não enxerga, mas seus olhos parecem aberto para dentro de si mesma” (CRUZ, 2018, p. 369). Desse modo, a própria autora, Alves Cruz, nessa produção de uma obra diaspórica, consegue realizar esse retorno à “África” e a si mesma, em que, em suas palavras, após essa conclusão da transmissão de memória e conhecimento de sua parente: “Não pergunto mais [...] embora, ao sentar ao seu lado, ela sempre me lembre de quem eu realmente sou” (CRUZ, 2018, p. 370).

Além dos rastros das memórias de Nunu que constroem novamente a África, há no romance o símbolo de um único objeto sagrado material que o personagem Firmino consegue trazer do continente sem que os traficantes de escravos percebessem: o fio de contas de Xangô de seu irmão Gowon, significativo para sua família, cujo próprio nome é Sagonkule, “[...] traduzido livremente para ‘aquele que se ajoelha para Xangô’ (CRUZ, 2018, p. 28). Dessa maneira, a temática dessa necessidade do retorno à “África” e o retorno da diáspora a si mesma é reforçado no romance quando Martha, focada em seu trabalho, sem dar atenção a sua família ou a sua devoção à Xangô, perde o fio de contas em sua mudança à Salvador e percebe “[...] o alerta de que precisava cuidar, precisava retornar” (CRUZ, 2018, p. 331).

Ademais, de acordo com a autora estadunidense Hill Collins (2016), a cultura das mulheres negras em sua expressão criativa, como em obras literárias, é importante parte do

pensamento da corrente sociológica do feminismo negro. Nesse contexto, com a análise de *Água de barrela* (CRUZ, 2018), observa-se uma perspectiva feminista negra na escrita de Alves Cruz, além de diaspórica. Dessa forma, as experiências das protagonistas negras, Helena, Isabel, Anolina, Martha, Damiana, Celina e Nunu, e sua luta por sobrevivência estão no centro da narrativa do romance.

Em concordância com a denúncia feminista negra da mulher negra colonizada como um objeto, o Outro do “sujeito real” branco ocidental (COLLINS, 2016; SILVA, 2006), citam-se as intensas cenas em que Helena, Isabel e Anolina têm seus corpos violados. Dentro dessas narrativas, *Água de barrela* (CRUZ, 2018), ao reproduzir o ponto de vista feminino negro, questiona a estratégia política/simbólica colonial da racialidade, em que, enquanto homens brancos europeus são sujeitos autodeterminados, as mulheres colonizadas são subalternas gendradas racializadas que não têm direito ao consentimento ou ao desejo (SILVA, 2006). Assim, em diálogo com Collins (2016) e Ferreira Silva (2006) em um olhar feminista negro e pós-colonial, observa-se, nessa obra literária, como mulheres negras escravizadas são colocadas como “mortas-fixas”, materiais crus e instrumentos para o homem português, considerado como sujeito absoluto do desejo.

Enfatiza-se, assim, a temática central do capítulo *Brinquedos humanos* que relata a relação de Anolina, mulher escravizada, com Francisco, em que “[...] o filho do barão estava crescendo, ele era pouca coisa mais novo e ela bem poderia ser seu primeiro ‘brinquedo humano’” (CRUZ, 2018, p. 106). Sobre este, em seu aniversário de 13 anos, a primeira é dada como um presente de iniciação sexual e o romance demonstra como, após esse acontecimento, Anolina, protagonista do romance, se torna “[...] perdida, se afogando na mágoa por ter descoberto o objeto que sempre fora” (CRUZ, 2018, p. 112). Ou seja, relata-se como no estupro, apropriação do corpo da mulher escravizada, esta não era vista como sujeito erótico, mas apenas um objeto (SILVA, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, é possível proclamar que *Água de barrela* (CRUZ, 2018), como parte de uma literatura negra escrita por mulheres e expressão criativa do feminismo negro (COLLINS, 2016), ao narrar os sentimentos e experiências de suas protagonistas, subverte a narrativa

colonial de que as paixões e razões de mulheres africanas são irrelevantes por estas serem consideradas como o Outro objetificado (SILVA, 2006). Além disso, essa obra de Eliana Alves Cruz (2018) caracteriza-se como componente do Atlântico negro (GILROY, 2001) e de uma perspectiva diáspórica que critica a modernidade escravocrata ocidental e suas ideologias marcadas “[...] pela conquista, expropriação, genocídio, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial” (HALL, 2003, p. 30)

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- CRUZ, Eliana Alves Cruz. **Água de barrela**. 7. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- _____. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
- GILROY, Paul. **O atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade de Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- _____. HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO do Brasil, 2003.
- MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prEscritos**: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- SILVA, Denise Ferreira. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. **Estudos feministas**, v. 14, p. 61-83, 2006.